

Ex-telefonista vende roupa e ganha mínimo

Desde que perdeu o emprego de telefonista, há três anos, Diva Ferreira, 36 anos, nunca mais arranhou outra colocação. Segundo ela, algumas empresas exigem teste de esterilidade ou a assinatura de uma carta em que ela se comprometa a deixar o emprego caso fique grávida. "Com a recessão, as exigências são maiores e não se arruma emprego", diz.

Para poder ajudar no orçamento doméstico, Diva compra roupas no atacado e sai vendendo. Não bate de porta em porta, com medo da violência. Prefere utilizar o mais antigo método de propaganda: o boca a boca. "As amigas saem contando que vendo roupas, preparam o terreno para

mim", revela.

Com as vendas de calças, camisas, saias e outras peças, Diva consegue faturar cerca de um salário mínimo (Cr\$ 96.037,33, em janeiro). Segundo ela, o rendimento, embora pequeno, "é melhor do que nada". Ela espera, com isso, poder ajudar o marido, mecânico e funileiro, a pagar o aluguel da casa onde moram, na Zona Norte. O marido, conta Diva, também não tem tido muito serviço.

"As pessoas estão sem dinheiro e adiam o conserto do carro", diz. Desempregada e com a receita em baixa, Diva não sabe como vai fazer para pagar o aluguel, que em fevereiro deverá saltar de Cr\$ 90 mil para quase Cr\$ 300 mil.